

# **Pesquisas atuais quanto a questão dos milagres como magia do Jesus histórico**

Pesquisador: Ricardo de Araújo Alves  
E-mail: [ricardoaraujoa@polmil.sp.gov.br](mailto:ricardoaraujoa@polmil.sp.gov.br)  
Orientador: Prof. Dr. Jonas Machado  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo  
Departamento de Graduação em Teologia  
Graduando em Teologia  
Eixo temático – Bíblia  
Categoria - Poster

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo proporcionar os desenvolvimentos acadêmicos de teses de autores, quanto à relação de magiamilagre, associada à figura do Jesus histórico. Oferecer uma breve análise das ultimas pesquisas realizadas na língua portuguesa e estrangeira, no que diz respeito, a reconstrução histórica dos fatos míticos e a objetividade dos milagresmágicos nos evangelhos. Essa construção vem trazendo inúmeros compêndios literários na investigação do Jesus Histórico. Alguns autores como Morton Smith, defende que Jesus foi um mago da Galiléia, onde passou algum tempo de aprendizagem mágicas no Egito, que teria praticado até mesmo, magia negra. Para G. Vermes, Jesus aparece como, “curandeiro, mestre carismático e entusiasta carismático” no sentido Judaico. J. D. Crossan aborda à magia de “banditismo religioso”, que entre magia e religião não há diferença. J. P. Méier tem os evangelhos como sua principal fonte, opõe-se a comparação de Jesus com Apolônio de Tiana e que há diferença substancial entre magia e religião. Para G. M. Theissen Jesus de Nazaré foi um “carismático itinerante”, onde seus milagres tinham um caráter social. O Prof. Dr. Gabriele Cornelli, em suas pesquisas coloca Jesus como milagreiro, mágico ou até mesmo um xamã. Os estudos até agora realizados sobre o assunto e longe se está de chegar a um consenso. Contudo, há uma relevância para a construção histórica do cristianismo na busca do Jesus Histórico-mágico. Assim, em meio a vários contextos religiosos, nos desafia, a ter uma visão analítica do contexto atual.

**PALAVRAS CHAVES:** Atuais Pesquisas acadêmicas do Jesus Histórico, Magia, Mi lagre.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma análise dos desenvolvimentos acadêmicos na relação de “magia-milágres”, que se encontra associado à figura do “Jesus histórico”. Todavia, a compreensão melhor das narrativas dita míticas da Bíblia poderá, entre outros frutos, produzir uma aproximação mais simpática por parte do “saber acadêmico” de fenômenos testemunhados ao longo da história; seja o cristianismo primitivo e suas narrativas de milagres, seja a Idade Média e suas “lendas” sobre as vidas dos santos, seja dos diversos grupos que, em meio à tãoopropalada pós-modernidade, permanecem tecendo interesses no cotidiano dos fenômenos “mágico-religiosos”.

O escopo é trazer uma pesquisa metodológica de comparações entre autores atuais que estão desenvolvendo interesse sobre o tema “magia e milagre”. Apresentar às últimas pesquisas realizadas na língua portuguesa e estrangeira, no que diz respeito, a reconstrução histórica dos fatos míticos e a objetividade dos milagres-mágicos do cristianismo primitivo nos evangelhos.

A secularização das pesquisas acadêmicas no tema “Jesus Histórico” tem acentuado uma busca da melhor compreensão no que diz respeito, aos fenômenos dos milagres (ou magia) do Jesus mago de Nazaré. Essa construção tem renovado as narrativas ditas míticas dos evangelhos, trazendo inúmeros compêndios sobre mito-realidade, milagre-magia na investigação do Jesus Histórico.

Um dos precursores a cognominar Jesus como “mago” foi Morton Smith. Em 1978, elaborou uma obra polemica sobre o título “*Jesus the Magician*” (Jesus o Mago). A epígrafe de sua obra diz: “*uma visão de Jesus que dois mil anos de supressão e polemica não puderam apagar*”. Seu objetivo é encontrar vestígios de magia originária em Jesus de Nazaré, que foi apagada pelo desenvolvimento histórico.

A concepção de Smith sobre os milagres praticados por Jesus de Nazaré é, inteiramente na perspectiva dos seus adversários, propõe uma possível existência apologética intracanônica por parte dos Apóstolos e também da Igreja primitiva, de defender Jesus de acusações de magia (Mc 3:20-30; Jo 8:48 etc.).

Enquanto eles todos [os sinóticos] relatam que sua pretensão de ser um (filho de Deus) foi um dos fatores de sua perseguição, e João reporta que ele tam bém foi acusado de magia na frente de Pilatos (18:30), estas parecem ter sido as acusações decisivas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> SMITH, Morton. *Jesus the Magician*. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. Harper & Row, San Francisco, 1978, p. 182.

Segundo o conceito de Smith o sistema farisaico religioso tradicional da época *suprimia* as marcas de magia (milagres) realizadas por Jesus de Nazaré. Smith coloca a magia da antiguidade dentro de uma percepção de *legitimidade*, mostrando assim, como os limites entre religião e magia andavam juntos.<sup>1</sup>

O autor levanta a existência de um pano de fundo greco-romano e egípcio, ao traçar um desenvolvimento Judaico-mágico em Jesus de Nazaré, nos seus milagres mágicos. Sugere que Jesus provavelmente passou por um tempo de aprendizado regular como mago no Egito.<sup>2</sup> Que Jesus foi possuído pelo demônio “*Belzebu*”<sup>3</sup>.

Apoderou-se do espírito de João Batista por meio de uma conjuração dos mortos (Mc 6:16), e por meio de ambos realizou milagres com o auxílio de práticas de magia. Ele se considerou o “filho de Deus”, ou seja, um Deus no sentido dos papirus mágicos.

Além dos milagres, Smith também vê diversos aspectos do comportamento e da fala de Jesus como indícios de que ele era um mago: pré-conhecimento miraculoso e desaparecimento repentino, a retirada do possuído para o deserto, o conhecimento de demônios e espíritos, a transmissão aos discípulos da autoridade para expulsar demônios, a distribuição de alimentos enfeitados com o propósito de unir em amor àqueles que o comem (eucaristia). Segundo Smith Jesus teria praticado até mesmo a “magia negra” quando mandou Satã entrar em Judas por meio do pão enfeitado.<sup>4</sup>

Já na década de 70, G. Vermes um historiador Judeu, elabora sua obra “*A Religião de Jesus*”: o Judeu e as várias faces de Jesus (1995). Sua análise parte do Evangelho de João, em seguida por Paulo, depois Atos e, finalmente, os evangelhos Sinóticos. Nestes, Jesus aparece como, “curandeiro, mestre carismático e entusiasta carismático”.

Sua exposição investigatória da história literária dos milagres de Jesus de Nazaré tem, como finalidade, uma aproximação do ponto de vista da religião Judaica antiga. Põe o “taumaturgo Jesus” num ambiente judeu carismático do “judaísmo hassideu”, “homens piedosos”, aproximando os seus feitos milagrosos, com o fazedor de chuva palestinese Honi (séc. I a.C.) e o rabi Galileu Hanina bem Dosa<sup>5</sup> (séc. I d.C), que também realizava

---

<sup>1</sup> SMITH, Morton. *Jesus the Magician*. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. Harper & Row, San Francisco, 1978, p. 64-78.

<sup>2</sup> SMITH, Morton. *Jesus the Magician*. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. Harper & Row, San Francisco, 1978, p. 86-88.

<sup>3</sup> Idem p. 86-88. CORNELLI, Gabriele. “E um Demônio!” *O Jesus Histórico e a Religião Popular* (Dissertação de Mestrado), UESP, São Bernardo do Campo, 1998, p. 134-1 36.

<sup>4</sup> SMITH, Morton. *Jesus the Magician*. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. Harper & Row, San Francisco, 1978, p. 86-88.

<sup>5</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p.177-1 91; Gabriele, CORNELLI, “*E um Demônio!*” *O Jesus Histórico e a*

milagres, essa intenção do autor, é entender Jesus de Nazaré, contra o pano de fundo Judaico.

Assim como Smith, Vermes busca uma possível aproximação de Jesus, do mais recente para o mais antigo. “Que modelos de homens santos carismáticos na época de Jesus”.<sup>1</sup> Sua busca é encontrar a especialidade de Jesus de Nazaré como Judeu carismático taumaturgo independente da lei. Por essa razão, foi criticado e julgado pelo judaísmo institucionalizado que posteriormente convertidos em fariseus na tradição rabínica.<sup>2</sup>

Posterior aos dois autores acima descritos, surge o notável e mais conhecido na área da pesquisa da origem do Cristianismo, J. D. Crossan. Sua mais célebre obra “*O Jesus Histórico*”: a vida de um camponês Judeu do Mediterrâneo (1995). Em seu oitavo capítulo, expõe o “Mago e Profeta”, onde é considerado um clássico.<sup>3</sup> Crossan recebe em sua obra, tanto as contribuições de Morton Smith quanto de Geza Vermes, buscando “camadas mais antigas da tradição de Jesus”.<sup>4</sup>

Sua abordagem à magia, é, porém, diferente de Vermes, que tem uma leitura estratigráfica, no sentido da cronologia,<sup>5</sup> que os “magos” foram, na verdade rabinizados. Sua consideração aponta a forma não-sancionada de práticas religiosas do Judaísmo carismático rabínico: Honi e Hanina Bem Dosa. Que diz “... estão em jogo duas grandes motivações rabínicas. Primeiro, a magia deve se transformar em oração e, depois, o mago tem que se tornar um rabino”.<sup>6</sup>

Segundo o próprio autor, ele chama a magia de “banditismo religioso”,<sup>7</sup> em uma das seções do seu livro intitulada *Magia e Refeição*, quando retoma a discussão sobre magia aplicando-a agora ao Jesus Histórico.<sup>8</sup> Crossan aponta que entre magia e religião não há diferença, pois às práticas assim chamadas legitimidade religiosa é rotulada como

---

Religião Popular (Dissertação de Mestrado), UMESP, São Bernardo do Campo, 1998, p. 123-132.

<sup>1</sup> VERMES, Geza. *As várias Faces de Jesus*, O Judeu, Rio de Janeiro, 1995. p. 280-291. Todavia, as comparações de Jesus com os *Hassidim* vão até a página 299. Após isso o autor passa a destacar o específico Jesus.

<sup>2</sup> VERMES, Geza. *As várias Faces de Jesus*, O Judeu, Rio de Janeiro, 1995. p.; Gerd , THEISSEN, Annette, MERZ, , *O Jesus Histórico*, Um Manual, São Paulo, 2004, 313-314.

<sup>3</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus Histórico: a vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo*. p. 173-202.

<sup>4</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p.168.

<sup>5</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p.185.

<sup>6</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p.184.

<sup>7</sup> Este é o título de uma das seções do referido capítulo.

<sup>8</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p.340-391.

magia. “Em suma, não há uma diferença substancial entre a religião e a magia, entre o milagre religioso e o efeito mágico”.<sup>1</sup>

A palavra magia é, emprega deliberadamente em todas as seções de seu livro, ao invés de algum eufemismo. Segundo Crossan é fascinante ver teólogos cristãos descreverem Jesus como um milagreiro, ao invés de um mago, e depois tentarem estabelecer uma diferença objetiva entre as duas categorias. O caráter tendencioso desses argumentos aponta para uma necessidade ideológica de proteger a religião e seus milagres da magia e seus efeitos.<sup>2</sup> Além disso:

... é preciso desmascarar a distinção prescritiva segundo a qual nós praticamos religião e eles praticam magia, revelando a sua verdadeira natureza: a de uma validação política daquilo que é aprovado e oficial em oposição ao que é extra-oficial e censurado.<sup>3</sup>

Com isso, a posição de Crossan se relaciona entre vermes e Smith. O que reforça, é o cuidado do levantamento sócio-antropológico que enfatiza o vetor de *legitimidade* na rotulação de uma prática como mágica ou religiosa. Destarte, os milagres são vistos como protestos de baixo para cima (banditismo religioso).

Um dos pesquisadores atuais, que tem produzido bastante nos últimos anos é John Paul Méier. Em sua obra “*Um Judeu Marginal*”: repensando o Jesus Histórico (2003), elabora uma abordagem diferenciada dos pesquisadores atuais. A óptica da pesquisa é fundamentada nos evangelhos, sua principal fonte. O terceiro volume dessa grandiosa obra trata da relação de Jesus com os diversos grupos sociais contemporâneos a ele. Destaca o autor, a importância dessa investigação em face de que “nenhum ser humano é adequadamente compreendido se for considerado isoladamente de outros seres humanos. Um ser humano só se torna totalmente humano se mantiver relacionamentos dinâmicos de amizade e amor, inimizade e ódio, controle, subordinação e colaboração com outros homens”.<sup>4</sup>

Sua metodologia consiste em cinco critérios: o critério do constrangimento, o critério da descontinuidade, o critério da múltipla confirmação, o critério da coerência e finalizando o critério da rejeição e da

---

<sup>1</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p. 147.

<sup>2</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p. 342.

<sup>3</sup> CROSSAN, John D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro, 1994, p. 137.

<sup>4</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p.12.

execução de Jesus.<sup>1</sup> A maior parte do segundo volume de sua obra é dedicada aos milagres de Jesus.<sup>2</sup> Méier trabalha a noção de milagre inversa a de Crossan. Opõe-se a comparação de Jesus com Apolônio de Tiana.<sup>3</sup> É também bem cuidadoso em manter, Hanina Ben Dosa e Hani destros dos limites do que Vermes propusera, isto é judaísmo carismático taumaturgo “homem santos”, embora teça algumas críticas sobre esse autor.<sup>4</sup> Diferente de Crossan, que afirma não haver diferença substancial entre magia e religião:

Em minha opinião, a afirmação de que não exista uma diferença fenomenológica real entre as narrativas dos milagres de Jesus nos Evangelhos e o que comumente encontramos, por exemplo, nos papiros mágicos do período romano é questionável.<sup>5</sup>

Segue ainda o seguinte raciocínio:

Mais propriamente, à medida em que se lêem estas duas coleções [os Evangelhos e os Papiros Mágicos] a imagem que vêm à mente naturalmente é aquela de uma escala deslizando, um espectro ou continuum de características. Em um extremo do aspecto está o “tipo ideal” do milagre, e no outro extremo o “tipo ideal” de magia. Na realidade, casos individuais podem se colocar em pontos diferentes ao longo do espectro entre estes dois tipos de ideais.<sup>6</sup>

Méier levanta críticas aos cientistas sociais que não conseguiram definir mágica; agora existe um “tipo ideal de mágica”. Definido para quem afinal? Existe uma capacidade de observação das imagens que vem a mente naturalmente, que segundo o autor, são representações socialmente determinadas e apreendidas que fazem com que *automaticamente* diferenciamos “evangelho” de “papiro mágico”, magia milagre.

Outro respeitado pesquisador é G. M. Theissen. Suas obras “*O Jesus Histórico*”: Um Manual (2002), e “*Sociologia do Cristianismo Primitivo*” (1987). Dissemina uma idéia sociológica dos milagres de Jesus

---

<sup>1</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p.19-23.

<sup>2</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p.507.

<sup>3</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p.576-581.

<sup>4</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p. 581 -588.

<sup>5</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p. 540.

<sup>6</sup> MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol. 2, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p. 541.

de Nazaré, como sendo um “carismático itinerante”, que também foi o modelo para o cristianismo primitivo.<sup>1</sup>

... exegetas modernos ao invés disso dão a impressão de que milagres é a criança ilegítima da fé, cuja existência tentam, por vergonha, oferecer desculpas. O orgulho da Igreja Antiga com relação aos milagres tornou-se seu oposto. Um ‘protestantismo cultural filosófico’ os acha primitivos demais; a profundidade hermenêutica os suspende, os ‘explica’ e os enterra com louvores.<sup>2</sup>

Conclui dizendo que:

O importante das histórias de milagres é a revelação do sagrado nos milagres, em milagres de salvação tangíveis, materiais. O respeito pelos homens e mulheres do cristianismo primitivo, que contavam-nas e se vinculavam a elas, nos obriga a admitir isso e nem todas as perplexidades modernas sobre estes textos justificam modificá-los.<sup>3</sup>

Theissen, em suas obras literárias a respeito às histórias dos milagres, bem como os resultados obtidos, também retorna a percepção sociológica apurada com relação aos primórdios do cristianismo. Um dos seus títulos diz “Jesus Aquele que Cura: os milagres de Jesus”<sup>4</sup>, sua aceitação é uma discussão muito ponderada e interessante sobre todos os autores que discutimos até aqui. Theissen acaba sendo um mediador entre Crossan e Méier, onde trata dos “tipos ideais”, dos perfis dos operadores de milagres: os “milagres mágicos” e os “milagres carismáticos” e as acusações de *rotulação* de acusar taumaturgos de carismáticos magos, mas reconhece um mago taumaturgo carismático.

O autor não atribui a Jesus o estigma de *magos*. “A autocompreensão de Jesus era profética, não mágica”.<sup>5</sup> O destino nos milagres de Jesus, segundo Theissen:

Como taumaturgo carismático apocalíptico Jesus ocupa uma posição singular na história das religiões. Ele une dois mundos conceituais que

---

<sup>1</sup> THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Cristianismo Primitivo*. Cf. também THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*.

<sup>2</sup> THEISSEN, Gerd. *The Miracle Stories of the Early Christian Tradition*. Trad. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. 1983. p. 299.

<sup>3</sup> THEISSEN, Gerd. *O Jesus Histórico: Um Manual*. Trad. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. 1983. p. 300.

<sup>4</sup> THEISSEN, Gerd. *O Jesus Histórico: Um Manual*. Trad. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. 1983. p. 305- 340.

<sup>5</sup> THEISSEN, Gerd. *O Jesus Histórico: Um Manual*. Trad. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. 1983. p. 330.

nunca haviam sido unidos dessa maneira: a expectativa apocalíptica da salvação universal no futuro e a realização episódica da salvação no presente por meio de milagres. Em nenhuma outra parte encontramos um carismático taumaturgo cujos milagres deveriam ser o fim de um mundo velho e o começo de um mundo novo, o que põe um acento extraordinário sobre os milagres (e a-histórico relativizar sua significância para o Jesus Histórico).<sup>1</sup>

Para Theissen o Reino de Deus está no centro da pregação de Jesus, as curas e exorcismos constituem o centro da sua atividade. Por certo, Jesus não fez apenas milagres. São igualmente características dele suas ações simbólicas: a escolha dos Doze, envio dos discípulos, a confraternização á mesa com coletores de impostos e pecadores, a entrada em Jerusalém, a purificação do templo e a última ceia. Mas foi, sobretudo, com os milagres que Jesus impressionou e provocou seus contemporâneos. Todavia, os pesquisadores históricos-críticos prevalecem na crítica.

Seus conceitos a respeito dos milagres, de um lado estão atestados em tantas camadas antigas da tradição que não se pode duvidar de seu fundo histórico. De outro, eles nos parecem um “glamour” não-histórico, nascido da nostalgia e da poesia, que se associou à figura histórica de Jesus. Alguns argumentam que, se já existem relatos inacreditáveis num período tão inicial (em Mc e na Fonte dos Ditos), então as fontes em geral não são fidedignas. Outros argumentam de forma inversa: como a atestação dos milagres é comparável à atestação dos ditos de Jesus, então se deve supor também para eles um grau bem maior de historicidade que geralmente se admite.<sup>2</sup>

Essa discussão ainda não está perto do fim, vimos até o presente exposto, obras consagradas. Voltemos nossa atenção, para algumas produções recentes no âmbito acadêmico nacional. Que pode assim, está trazendo contribuições e elucidar a temática controversa da magia e do milagre.

Entre os autores atuais a respeito desse tema, destaco o Prof. Dr. Gabriele Cornelli, filósofo e historiador da religião, professor do departamento de filosofia da (UnB), desenvolveu sua dissertação de mestrado (concluído em 1998), “*E um Demônio!*”: O Jesus Histórico e a Religião Popular, na figura de Jesus de Nazaré como o mago Galileu. Já em seu doutorado, (concluído em 2001), “*Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos?*”: Equivocidade na recepção das figuras de *thēioi ándrés* na

---

<sup>1</sup> THEISSEN, Gerd. *O Jesus Histórico: Um Manual*. Trad. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. 1983. p. 333- 334.

<sup>2</sup> MEIER, John P. *Um judeu marginal*. Repensando o Jesus Histórico., Rio de Janeiro, 1993, p.617-645, citado em Gerd, THEISSEN, Annette, MERZ, *O Jesus Histórico, Um Manual*, São Paulo, 2004, p. 305-306.



literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré.

O autor coloca quatro pontos em que ciência, religião e magia se diferenciam: primeiro, as linhas em que magia e religião se movimentam são diferentes da ciência, a menos que não se considere a mesma ciência ilustrada, positiva, como uma crença. E – na verdade – muitos autores não estão longe de considerá-la como tal. Mas assim não teria sentido falar de evolução para um estado científico que de fato nunca existiu.

Para Cornelli os problemas da concepção positivista são evidentes. Segundo, a magia não é primeiramente desejo de poder sobre o sagrado, e nisso estaria contraposta à religião, guiada por sua vez por uma intenção mais gratuita, mais unitiva com Deus. A magia também está na linha do ser humano buscando o transcendente, algo que está além da sua compreensão e de suas possibilidades. Mas com uma vinculação toda especial a este mundo, permeado de forças que podem ser usadas para o bem ou para o mal do indivíduo e da comunidade. O transcendente da magia está dentro, está escondido dentro do mundo e da história. Terceiro: se tivéssemos de definir a magia em relação aos outros dois termos dentro do esquema evolucionista, poderíamos dizer que ela é ao mesmo tempo ciência e religião.

Segundo Cornelli, a magia é uma espécie de ciência por querer entender (para usar) os segredos das forças (que chama de espíritos) que regulam o mundo. A magia é também uma religião que confia (tem fé) nos espíritos bons (e tenta evitar os maus para tornar-se um poder transformador no mundo). Quarto: toda religião quer-se eficaz na resolução dos problemas (espirituais ou não) das pessoas. Usa assim da magia para isso. Toda ciência, querendo ser eficaz, chega a lidar com o inexplicável, tendo de reconhecer (e usar) forças das quais bem pouco pode dizer cientificamente).<sup>1</sup>

“Será necessário, pois dizer que a magia não pode ser distinguida da religião com rigor; que a magia é plena de religião como a religião de magia, e que é, por conseguinte, impossível separá-los e definir uma sem a outra. Mas o que torna essa tese dificilmente sustentável é a aversão profunda da religião pela magia e, conseqüentemente, a hostilidade da segunda para com a primeira. A magia põe uma espécie de prazer profissional em profanar as coisas santas [sic!], (...) há, nos procedimentos do mago, algo profundamente anti-religioso”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> CORNELLI, Gabriele. “*E um Demônio!*” O Jesus Histórico e a Religião Popular (Dissertação de Mestrado), UESP, São Bernardo do Campo, 1998, p. 62-81.

<sup>2</sup> CORNELLI, Gabriele. “*E um Demônio!*” O Jesus Histórico e a Religião Popular (Dissertação de Mestrado), UESP, São Bernardo do Campo, 1998, p. 62.

Uma das publicações mais recentes a respeito de assuntos relacionados à busca do Jesus Histórico foi, em 2006. Em seu livro intitulado *Jesus de Nazaré: Uma outra História*; organizado por André Leonardo Chevitarese, Gabriele Cornelli e Mônica Selvatici. Onde diversos textos são abordados historiograficamente, na busca direta e indiretamente a respeito do Jesus Histórico. Os artigos expõem diferentes pontos de vista metodológicos de autores clássicos a respeito da figura histórica de Jesus de Nazaré.

Gabriele Cornelli no segundo capítulo, compara historicamente nos termos do mundo antigo os “homens divinos” com Jesus de Nazaré. A literatura apologética cristã no mediterrâneo desde cedo, tem formulado a figura dos homens divinos. Segundo o autor, “Justino Martin suspeitava de uma imitação demoníaca desde para o homem-deus-cristão”.<sup>1</sup> Autores pagãos também notaram semelhanças, e as usam para tecer comparações de poder, bem como o tachar de mago charlatão.<sup>2</sup>

Para o autor entre os “homens divinos” contemporâneos de Jesus, no que diz respeito às práticas mágicas de Apolônio de Tiana, de fato, segundo Cornelli há semelhanças desconcertantes com a figura histórica de Jesus. Como seu pequeno grupo de discípulos que o seguia, sendo pregador itinerante, rejeitado inicialmente pelos seus compatriotas judeus, e ambos realizaram práticas de cura, exorcismo, profecias e até ressurreição de mortos. Tiveram conflito com autoridade religiosa, tiveram severas acusações de magia.<sup>3</sup>

Cornelli com muita propriedade constrói historicamente desde 307 d.C. com Hiérocles filósofo planonizante, até o final do século XVII, passando por Eusébio de Cesaréia onde diz:

“... que um homem realmente iluminado por Deus possa ser chamado de Deus”. “Desde que carregue nele mesmo a imagem de um grande deus, mas até a tal homem – continua ele – não é atribuída a faculdade de realizar milagres”.<sup>4</sup>

Entretanto para Cornelli, o cristianismo perdeu o interesse na questão apologética na comparação histórica de Jesus com as grandes figuras dos “homens piedosos”. A partir de (1882) novos estudos

---

<sup>1</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 61. Apud. Giustino Martire (1983) *Primeira Apologética*, p. 21-7.

<sup>2</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 61-65.

<sup>3</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 61-62.

<sup>4</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 62. Apud. Eusebius (1986).

significantes começaram a surgir sobre esse tema, dentro e fora da literatura cristã, com diversos pesquisadores e épocas diferentes.<sup>1</sup>

Para Morton Smith, segundo Cornelli na teoria de Tiede que merece uma atenção. A construção da figura de Jesus não se pode objetar aos fatos. Que na época de Jesus, os gemidos, lamentação e choro, eram características negativas dos charlatões, bruxo, mago e encantador. Existiam conjuntos de técnicas de magia, que tinha como objetivo chegar a uma condição de êxtase pessoal, como viagem para o inferno, práticas mediúnicas, necromancia, simpatias e todo tipo de persuasão oculta, quando praticada no mundo físico. Essas práticas antigas foram encontradas entre os filósofos, como por exemplo, Eurípides, Sócrates.

No entanto, entre Crossan e Méier, o autor se diferencia na forma metodologia de elaboração da figura histórica de Jesus de Nazaré. Para Cornelli, “Jesus foi provavelmente um dos maiores magos da antiguidade”, concordando assim, com M. Smith.<sup>2</sup> Em seu artigo “*A Magia de Jesus*”: Um rosto Histórico esquecido: Jesus Mago popular Galileu. A fama de Jesus de Nazaré está ligada às práticas de magia e exorcismos que Ele praticava. Os ritos de formulas e palavras mágicas, têm semelhanças aos “Papiros Mágicos” da tradição do sincretismo helenística,<sup>3</sup> que se encontra nas tradições literárias do cristianismo.

A historiografia da origem da magia na Palestina, Cornelli concorda com J. D. Crossan, o que pode ser observado é “percurso mal documentado dos magos”<sup>4</sup>, que as informações são absolutamente escassas.<sup>5</sup> Porém, segundo o autor, nos evangelhos são mais de 200 referências de práticas de magia realizadas por Jesus. Jesus é lembrado nos textos judaicos posteriormente pela sua magia. O autor busca ainda a partir das narrativas dos sinóticos canônicos e não canônicos princípios dos acontecimentos mágicos de sua infância e posteriormente contato com a magia do Egito. Considera ainda, que Jesus foi iniciado na magia xamânica.<sup>6</sup>

Assim como G. Theissen direciona suas pesquisa em descobertas de possíveis existências de “tradições populares” nos evangelhos, o autor concorda com a metodologia da crítica das formas existentes nos milagres

---

<sup>1</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 62-65.

<sup>2</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 81. Apud. Smith (1978, 129).

<sup>3</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 81. Apud. Papiro Mágico Grego (4), (2007, 86).

<sup>4</sup> Apud. Crossan (1994, 242).

<sup>5</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 84. Apud. Smith (1994, 242).

<sup>6</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 81-82.

de Jesus. G. Theissen, no final de sua pesquisa chega a quatro indicações fundamentais, quatro tipos de sinais da prática mágica de Jesus nos evangelhos: 1) as *histórias*, as narrações de milagres, que os discípulos e o povo demonstram conhecer; 2) as *notícias* da fama de Jesus como milagreiro se espalhando e acompanhando-o em qualquer lugar; 3) os *apotegmas*, nos quais tal prática é pressuposta; 4) os *sumários*, nos quais as multidões procuraram Jesus por causa de sua prática taumatúrgica.<sup>1</sup>

O autor demonstra que os sinais e as narrativas dos milagres no evangelho de Marcos representam 31% do texto, isto é, 209 dos 666 versículos do evangelho.<sup>2</sup> Em outra “fonte” a chamada “*fonte Q*”, as tradições dos milagres de Jesus são bastante relevantes aos indícios de magia. Em sua crítica exegética Cornelli, atribui a construção de uma tradição dos sinais sobre Jesus, especialmente nas curas e exorcismos, sendo bastante significativo para as comunidades antigas.<sup>3</sup>

Por fim, Cornelli aborda a morte do rei dos judeus. O motivo da condenação de Jesus foi os milagres por ele praticados. Diante desse fato, Cornelli, procura indícios das mesmas acusações ao julgamento de Apolônio de Tiana que o levaram a morte. Diante do tribunal Apolônio de Tiana, foi acusado de praticar sacrifícios humanos em ritual de adivinhação. Para o autor, Apolônio de Tiana era temido por causas de suas atividades mágicas, enquanto Jesus de Nazaré, teve acusações da “controvérsia de Beelzebul”,<sup>4</sup> que “bancasse o profeta”,<sup>5</sup> a “destruição e reconstrução do tempo”<sup>6</sup> e sua afirmação de ser o “filho de Deus”.<sup>7</sup>

Para Cornelli, o julgamento de Jesus diante do tribunal judaico, foi principalmente às acusações de práticas de magia, exorcismo etc. Pois, Jesus de Nazaré, assim como, Apolônio de Tiana, tiveram julgamentos e condenados a morte, por motivos religiosos e políticos.

---

<sup>1</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 81. Apud. Theissen (1991, 97-9).

<sup>2</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 81. Apud. G. Ravasi (1998, 138).

<sup>3</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 85-96.

<sup>4</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 102-1 03.

<sup>5</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 103-1 05.

<sup>6</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 105-1 07.

<sup>7</sup> CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma outra História*. p. 108-110.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus de Nazaré continua sendo uma presença inelutável na consciência cultural do Ocidente e do mundo inteiro. Mesmo quem lhe recusa assentimento religioso, não escapa ao fascínio exercido, se não por sua pessoa, então pelo menos pelo lugar que ele ocupa na história e a importância que, de bom ou de mau grado, lhe é reconhecida. Esse fascínio se traduz no desejo de saber o que Jesus de fato andou fazendo, prescindindo daquilo que seus seguidores fizeram dele.

Alguns pesquisadores apresentam Jesus como um sábio, talvez comparável aos filósofos cínicos. Uma outra visão afim é a do “Theios Aner”: o homem divino. Para outros, Jesus é milagreiro, mágico ou até mesmo um xamã. Para outros ainda ele é um profeta, um mestre. Até poeta é mencionado, por causa de suas parábolas. Que Jesus praticava milagres, ou melhor, que ele tinha fama de praticamente de milagres, seria muito difícil negar. A Fonte Q não está centrada neste aspecto, mas os autores compiladores estavam bem cientes desta fama.

Muitos foram os estudos até agora realizados sobre o assunto e longe se está de chegar a um consenso. Contudo, a Cristologia mítica, e os contornos ditos mágicos tem, levado a iniciar uma investigação da cultura da época, no que diz respeito, à relevância para a construção histórica do cristianismo na busca do Jesus Histórico-mágico. Assim, em meio a vários contextos religiosos, nos desafia, a ter uma visão analítica do contexto atual.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs). *Jesus de Nazaré*. Uma outra história. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2006, p. 356.

CORNELLI, Gabriele. “*É um Demônio!*”: O Jesus histórico e a religião popular da Galiléia. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

\_\_\_\_\_. “*Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos?*”:

Equívocidade na recepção das figuras de *thêioi ándrés* na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2001.

CROSSAN, John Dominic. *Em Busca de Jesus*. Debaixo das Pedras atrás dos Textos. Trad. Joci Maraschin. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 323.

MEIER, John P. “*Um Judeu Marginal*”: repensando o Jesus Histórico, Vol 3, Livro 1, companheiros, trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p. 304.

- SMITH, Morton. *Jesus The Magician* (Jesus o mágico). Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. San Francisco: Harper SanFrancisco, 1978. p. 222.
- THEISSEN, Gerd. MERZ, Annette. *O Jesus Histórico: Um manual*. Trad. Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2002, p. 651.
- VERMES, Geza. *A religião de Jesus, o Judeu*. Trad. Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 228.
- \_\_\_\_\_. *As Várias Faces de Jesus*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2006, p.361.